

ANÁLISE DE PARTOS ACOMPANHADOS POR ENFERMEIRAS OBSTÉTRICAS NA PERSPECTIVA DA DESMEDICALIZAÇÃO

Carlos Sérgio Corrêa dos Reis¹

Alexandra Celento Vasconcellos da Silva²

Danielle de Oliveira Miranda de Souza³

Jane Márcia Progianti⁴

Octavio Muniz da Costa Vargens⁵

Introdução: A assistência ao parto tem sido marcada, em todo o mundo, pela adoção de intervenções medicalizadas que geram elevadas taxas de cesáreas bem como uso de medicações e outros procedimentos para acelerar ou controlar o processo natural de dar à luz. Em muitos países, incluindo o Brasil, parturientes de baixo risco obstétrico são submetidas a infusões intravenosas rotineiras e a administração de ocitocina durante o trabalho de parto sem uma real indicação. Em resposta a esta situação, o Ministério da Saúde, na tentativa de modificar o modelo da medicalização excessiva do parto, onde muitas vezes são adotadas práticas intervencionistas desnecessárias, iniciaram-se, os Programas de Humanização do Pré-Natal e Nascimento (PHPN)¹ e Parto, Aborto e Puerpério: Assistência Humanizada à Mulher². Ao mesmo tempo, enfermeiras obstétricas brasileiras começaram a desenvolver pesquisas que sustentassem a idéia de uma prática desmedicalizada, isto é, que rompesse com o modelo tecnocrático, oferecendo alternativas para o cuidado à mulher durante o parto e nascimento de seus filhos³⁻⁵. Desse modo, definindo desmedicalização como sendo a eliminação do raciocínio clínico medicalizado como única alternativa para se pensar e entender a saúde⁴, e os fenômenos ligados à reprodução humana, as enfermeiras obstétricas redirecionam sua prática, marcando com isso sua posição no campo obstétrico. **Objetivos:** analisar os partos acompanhados por enfermeiras obstétricas em maternidade da rede pública municipal do Rio de Janeiro sob a perspectiva da desmedicalização do parto e nascimento. **Metodologia:** Trata-se de estudo descritivo, com abordagem quantitativa baseado na análise documental. Foram analisados os registros relativos a 745 partos acompanhados por enfermeiras obstétricas no ano de 2011 em maternidade da rede pública municipal do rio de janeiro, sendo os mesmos coletados do livro de registros dos partos acompanhados pelas enfermeiras obstétricas da maternidade. Para tanto se utilizou um instrumento elaborado a partir das próprias informações contidas neste livro. Os dados foram analisados através da estatística descritiva, organizados de acordo com sua frequência absoluta e relativa. Em atendimento ao preconizado pela Resolução nº 196/96 (BRASIL, 1996) e respeitando os princípios legais e éticos que envolvem as pesquisas realizadas com seres humanos, o projeto foi submetido e

¹ Enfermeiro Obstetra; Aluno do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Professor Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pesquisador do Grupo de Pesquisas sobre Gênero e Violência na Saúde e na Enfermagem. E-mail: reis-correa@ig.com.br

² Enfermeira Obstétrica; Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Professora Substituta da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pesquisadora do Grupo de Pesquisas sobre Gênero e Violência na Saúde e na Enfermagem. E-mail: enf.ale.celento@gmail.com

³ Enfermeira Obstétrica; Mestre em Enfermagem; Pesquisadora do Grupo de Pesquisas sobre Gênero e Violência na Saúde e na Enfermagem. E-mail: daniellesouza82@hotmail.com

⁴ Enfermeira Obstétrica, Doutora em Enfermagem; Professora Associada da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Vice-líder do Grupo de Pesquisas sobre Gênero e Violência na Saúde e na Enfermagem. E-mail: jmprogi@uol.com.br

⁵ Enfermeiro Obstetra; Doutor em Enfermagem; Professor Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Enfermagem, Mulher, Saúde e Sociedade (NEPEN _ MUSAS); Líder do Grupo de Pesquisas sobre Gênero e Violência na Saúde e na Enfermagem. E-mail: omcvargens@uol.com.br

aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde, sob protocolo nº 189/09. **Resultados:** Em relação ao perfil das 745 parturientes que tiveram seus partos acompanhados pelas enfermeiras obstétricas, chama atenção ao se analisar a idade das mesmas, o fato de que aproximadamente uma em cada três (30,9%) eram adolescentes. Verificou-se quanto à paridade que 329 (44,2%) eram primíparas (engravidaram e pariram pela primeira vez), 209 (28,2%) eram secundigestas e 207 (27,6%) já tinham engravidado mais de duas vezes. Em 316 (42,4%) parturientes, o trabalho de parto e o parto evoluíram sem qualquer intervenção medicalizada. No entanto, a adoção de procedimentos medicalizados e intervencionistas ainda se verifica nos partos acompanhados por enfermeiras obstétricas. A administração de ocitocina exógena (49,7%) e a realização da amniotomia (27,4%) foram as duas intervenções mais empregadas durante o trabalho de parto e parto, sendo a associação destas condutas registradas em 125 (16,8%) dos partos. Considerando todos os partos realizados pelas enfermeiras obstétricas, a episiotomia foi procedimento realizado em 115 (15,4%), sendo que, entre as 329 primíparas, esta incidência foi de 55 (16,7%). Em contrapartida, enfermeiras obstétricas vêm oferecendo às parturientes a oportunidade de vivenciar seu parto numa abordagem desmedicalizada e humanizada. Isto foi verificado com a alta incidência da oferta de tecnologias não-invasivas de cuidado. Assim, a adoção de posicionamento verticalizado foi utilizada por 536 (72,0%) das mulheres durante o parto contra 95 (12,8%) que adotaram posição horizontal dorsal. As posições lateral e agachada (cócoras ou banco) foram adotadas por 90 (12,1%) e 15 (2,0%) das mulheres, respectivamente. Outras tecnologias não-invasivas de cuidado empregadas, portanto na perspectiva desmedicalizadora, foram: a presença do acompanhante, constatada em 549 (73,7%) dos trabalhos de partos e/ou partos; os exercícios respiratórios em 84,0%; o estímulo à deambulação em 30,5% e à liberdade para movimentos pélvicos em 26,0%; o uso da água através do banho em 20,4%; a realização de massagens em 12,9%. **Conclusões:** Conclui-se que, apesar da forte influência do ambiente hospitalar medicalizado e da interferência direta dos profissionais médicos que ali também atuam, as enfermeiras obstétricas apresentam em sua atuação, resultados considerados satisfatórios no que diz respeito à redução do uso de práticas intervencionistas. Portanto, enfermeiras obstétricas têm sido importantes agentes estratégicos na busca pela humanização e desmedicalização na assistência ao parto e nascimento. **Contribuições para a enfermagem:** Esta pesquisa veio ratificar, junto aos demais estudos na área obstétrica, que a base de uma assistência humanizada e de qualidade ao parto, está na desmedicalização tanto dos profissionais quanto das instituições. Juntos, abraçando esta perspectiva, são capazes de criar um ambiente agradável e de excelência. Apesar de ser difícil alcançar este objetivo, em função dos diversos obstáculos a serem superados, este estudo é uma demonstração de que a enfermeira obstétrica está se empenhando na busca de um cuidado desmedicalizado, integral e individualizado. Tal sucesso não depende só da enfermeira obstétrica, mas de vários atores da saúde, desde o profissional até o gestor. Incentivos interessantes podem ser oferecidos às enfermeiras obstétricas, por exemplo, sob a forma de cursos de atualização focados na perspectiva desmedicalizada, como também a manutenção de programas de educação continuada.

Referências:

1. Brasil. Ministério da Saúde. Programa de Humanização do Parto: Humanização no pré-natal e no nascimento. Brasília, 2002.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, 2001.
3. Vargens OMC, Progianti JM. O processo de desmedicalização da assistência à mulher no ensino de enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, 2004; 38(1):46-50.

4. Vargens OMC, Progianti JM, Silveira ACF. O significado de desmedicalização da assistência ao parto no hospital: análise da concepção de enfermeiras obstétricas. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, 2008; 42(2):339-46,.
5. Vargens OMC, Silva ACV, Progianti JM. Non-invasive nursing technologies for pain relief during childbirth the Brazilian nurse midwives view. (in press) Midwifery London, 2013; 29:1-8, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.midw.2012.11.011> [Último acesso: 03/2013].

Descritores: enfermagem obstétrica, saúde da mulher, parto humanizado.

Agradecimento: ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que financiou a pesquisa.

Área temática: O processo de cuidar em saúde e enfermagem.